

Irmãzinhas | Daniel Pucú

Uma casa, uma casa meio de alvenaria, meio de madeira, na parte dianteira funcionava uma birosca, mais especificamente um bar, um pequeno bar... Letícia, a irmã mais velha, coloca uma das mesas do finado comercio na parte externa, pega uma dessas fitas cassetes que se deve esperar um dia inteiro para ter a sorte da música tocar no rádio para poder gravar, a famosa pirataria; começa a tocar os clássicos da Rainha do Rebolado, Letícia sobe na mesa e começa a rebolar no ritmo das músicas, a criançada ali presente também começa a se divertir e a bater palmas para Letícia, uma das crianças brinca de ser a Rainha dos Baixinhos e faz uma entrevista com Letícia... De repente:

— Letícia! — Grita Sofia, a irmã mais nova — A vovó tá vindo!

Letícia mais que de pressa guarda a mesa e Sofia desliga a música, e todas a crianças, assustadas, fingem estar brincando de outra coisa.

— Letícia, que bagunça é essa aqui? Tu não te manca não? Quase dezesseis anos brincando, tamanha velha, vai arrumar a casa é que é, bora. E vocês, vão procurar o que fazer na casa de vocês, vão rezar, bando de estrupício.

As crianças *pegam o beco* rumo suas casas, enquanto isso a esculhambação continua na casa da amargurada dona Waldenize.

— Essa casa *tá* um galinheiro, o que vocês ficam fazendo aqui? Vocês estão ficando preguiçosas e sem vergonha igualzinho a mãe de vocês. Bora, Sofia, *tá* na hora de aprender a varrer uma casa direito. Letícia, vai lavar a louça, se não, tu vais acabar apanhando.

Scarlett, a única filha de Waldenize e mãe das meninas, era a dona do bar, uma vergonha para mãe, caiu no mundo da prostituição, nunca

soube quem eram os pais de suas filhas, só havia uma certeza: eram pais diferentes. Wal pusera o nome de Scarlett por causa de um filme que tanto lhe emocionava quando passava na televisão. Um dia, depois de muitas brigas com sua mãe, seus vizinhos e com outras prostitutas, Scarlett sumiu no mundo, não deixou nenhum bilhete, só as filhas para a mãe criar, as deixou trancadas dentro de casa até a hora da avó chegar do trabalho. Letícia foi a mais marcada por essa história, tinha seis anos quando tudo aconteceu, enquanto Sofia tinha acabado de completar um ano. E assim se explica amargura de Wal: o ressentimento pela filha, o peso de ter de criar as netas e a vergonha dos comentários dos vizinhos, comentários estes que ela certamente faria se fosse a filha de outra pessoa que fosse como a sua. E ela também rejeita suas netas por serem negras, apesar dela também ser.

Outro dia se inicia, os rádios ressoam as primeiras notícias do dia, algumas notícias de crianças sequestradas num Brasil ainda feliz pela conquista do tetra... Letícia é responsável por acordar Sofia, fazê-la tomar banho e cuidar para que ela vá arrumada para a escola, depois ela cuida de si, enquanto Wal prepara o café da manhã, elas rezam antes de comer...

— Agradecemos, Senhor, por esse alimento, que ele não nos faça mal e que nunca falte o pão dos fiéis na nossa mesa. Amém.

— Amém. — Repetem as meninas.

Wal trabalha de empregada em uma casa num bairro próximo, e no caminho deixa Sofia na escola. Letícia vai para sua escola na companhia de outras colegas que moram na mesma rua.

— Posso contar uma coisa para vocês uma coisa? Mas vocês tem que prometer que não vão contar para ninguém.

— Conta, a gente não vai falar para ninguém. — Diz, uma das colegas.

— Mas vocês tem que prometer, eu tenho vergonha.

— Tá bom, nós prometemos. — Responde a outra.

— Bem, é que tem duas semanas que eu... que eu... sangrei lá na... E eu fiquei com vergonha de falar *pra* vovó, aí eu coloquei uma fralda de pano velha que tinha lá por casa e lavei escondida quando parou. Aí, eu fui perguntar da professora e ela disse que isso é normal acontecer com as meninas da nossa idade. Só que eu não sei como falar isso *pra* vovó.

— Você falou com a professora Carola? Ela também me ajudou nisso, só que a minha mãe não sabe até hoje. E nem vou contar. Eu tenho uma tia, que a filha mais nova dela menstruou com doze anos e foi antes da irmã mais velha, essa minha tia já achou que era enxerimento dessa minha prima e deu uma surra nela.

— A minha mãe é tranquila com isso, ainda não aconteceu comigo, mas ela me procurou para explicar e disse que é para eu contar quando acontecer.

— Bem, eu acho que vou esperar mais um pouco para criar coragem de contar.

Enquanto isso, na escola de Sofia: A normalista, uma mulher assombrosa, caminha pela sala enquanto dita palavras.

— ... Cavalo. Preto. Lustroso. Dentro. Selvagem. Casa. Doçura. Medo. Mão. Bem, coloquem os cadernos na minha mesa e peguem as tabuadas.

— Oba, hoje vai ter sabatina! — Diz Sofia, animada.

— Atenção, eu vou sortear os nomes e vocês já sabem a regra. Lúcio e Inácio.

Os dois alunos se levantam e vão para perto do quadro negro.

A professora pergunta:

— Lúcio, quanto é sete vezes oito?

— Cinquenta e seis.

— Correto.

O menino então pega uma régua de madeira que está sobreposta na mesa e bate na mão de Inácio, que aguenta firme.

— Inácio, quanto é cinco vezes sete?

— Trinta e cinco.

— Correto.

— Ah, não vale, a tabuada do cinco é a mais fácil que tem. — Reclama Lúcio.

Um zum zum começa na sala, com alguns colegas rindo, outros concordando e outros discordando. A professora então bate o apagador na mesa e grita:

— Ei, abriu o mercado? Silêncio. Lucio, não reclama.

Inácio pega a régua da mão de Lucio e lhe bate na mão, e assim se sucedeu a sabatina: quem acertava batia, e quem errava levava reguada, até que chega a vez de Sofia.

— Próxima dupla: Sofia e Pedro.

Pedro é apelidado pelos colegas como Boquinha porque ele tem a boca com formato esquisito e pequena, a professora, que está grávida, não olha para ele de jeito nenhum há três meses porque tem medo que o

bebê nasce com a boca parecida. Então a professora, olhando em direção a porta, diz:

— Sofia, quanto é nove vezes quatro?

— Trinta e seis.

Sofia aplica a regra, mas a gana de bater é tanta, que Pedro segura as lágrimas.

— Pedro, quanto é sete vezes nove?

— Sessenta e cinco.

Todos gritam: Errou.

Sofia então dá a segunda reguada ainda mais forte o que faz com que Pedro a empurre.

— Sua preta do batuque. Professora, ela bateu muito forte.

— Olha aí, professora. — ela o empurra de volta. — Seu boquinho de caracol.

— Urubu despachado!

— Pelo menos meu pai não dorme bêbado na calçada...

— Pelo menos eu tenho pai, filha de chocadeira.

Sofia parte para bater em Pedro, mas é impedida pela professora.

— Parem, vocês dois. Vamos, para o canto da parede agora e sem recreio para os dois.

Na hora do recreio,

— Tu vai ver, seu boca de *fechecler*, lá fora eu vou te quebrar na porrada.

Na saída, Pedro corre, com medo, em direção a mãe, mas não fala nada. Letícia passa para buscar Sofia na escola.

— O que foi, por que tu tá emburrada?

— Nada não. — Completamente irritada.

— Sofia. — alguém grita e Sofia olha — Cadê, tu não ia meter a porrada no Boquinho?

— Ele é todo medroso, saiu e correu *pro* colo daquela gorda da mãe dele.

O colega que chamou Sofia se chama Jorge, ele e Letícia se olham, mas disfarçam, mas o sangue de ambos foi pasteurizado...

As irmãzinhas voltam para casa e Letícia pergunta:

— Quem era aquele menino?

— Aquele que falou comigo perto da escola?

— É.

— O Jorge, ele é da minha sala, ele é burrão, tem quinze anos e ainda não sabe nem ler. Mas parece que vão criar uma turma só para quem já completou dez anos e ainda não sabe ler e escrever.

— Ah, nossa, mas é estranho ele todo grandão no meio de um monte de pirralho.

— É, uma vez ele foi suspenso porque ele bateu num menino bem menor que ele, o pai do menino até queria bater nele.

À noite, as irmãs jantam sentadas no chão enquanto Wal ocupa todo o sofá, a família assiste religiosamente às novelas. A matriarca, enquanto vê um beijo entre Tarcísio Meira e Vera Fischer, não para de coçar a cabeça. Ela levanta e vai até a penteadeira e pega um pente fino.

— Um piolho! — Espantada — Sofia, Letícia, venham aqui!

As meninas já vão se tremendo de medo ver a avó. A mulher puxar a menor pelo braço e começa a lhe pentear, cai uns piolhos, pega a maior e também lhe penteia, o pente também vem com alguns piolhos. A mulher dá dois tapas em cada uma.

— Suas porcas, amanhã podem se preparar que eu vou catar vocês duas. A Sofia, eu até entendo porque ainda é uma criança, agora tu, Letícia, tamanha égua velha. E vão cuidar de dormir!

Elas já estão tão acostumadas a apanhar por quase nada que nem sentiram, lamentaram apenas não poder terminar de ver o capítulo da novela. Letícia fica deitada na cama da irmã e canta para ela:

— Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como poderei viver? Como poderei viver, sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?

Letícia canta esta cantiga para irmã dormir desde que sua mãe as deixou.

Enquanto isso, no bairro ao lado, Jorge aproveita que sua mãe está ouvindo “as mais românticas” no rádio e pensa em Letícia, ele até começa o ato da masturbação, mas ele não continua.

No dia seguinte, Wal amanhece catando os piolhos das netas, e deixa o recado para elas:

— Hoje é sábado e vocês não têm nada melhor para fazer, podem arrumar essa casa mesmo. Se seu chegar e a casa estiver do mesmo jeito, *vai as* duas rodar na porrada.

Wal sai, e as meninas começam a assistir televisão. Alguém bate na porta.

— Quem é? — Grita Sofia.

— Sou eu, Jorge.

— O que tu quer aqui? — Abrindo a porta.

— Eu vim saber se tu pode me ajudar com essa tarefa de matemática.

— Mas tu nem gosta de estudar.

— Bem, é que eu tenho que melhorar, se não vou ter que ficar mais um ano aí nessa escola de criança.

Letícia se aproxima da porta perguntando:

— Sofia quem tá aí?

Ela se espanta ao ver Jorge, ambos ficam corados. Letícia recua e vai trocar de roupa, pois ainda está de roupa de dormir: Um blusa branca de um candidato a vereador, diferente da roupa de dormir de Sofia, que é uma blusa de missa de sétimo dia.

Enquanto isso, Sofia diz para Jorge entrar enquanto ela vai buscar seu caderno. Estudaram? Não. Passaram a manhã toda assistindo TV. Enquanto Sofia não observava, Letícia e Jorge deram as mãos.

— Bem, poxa, a gente nem estudou. Eu tenho que ir *pro* trabalho.

— Tu trabalha onde? — Pergunta Letícia.

— Sabe onde é onde é o sovaco da cobra?

— Sei sim.

— Pois é, lá no final dessa rua tem um mercadinho, eu trabalho lá. Toma.

O rapaz dá dois pacotinhos de jujuba para as irmãs. Depois desse dia, durante duas semanas, Jorge ia todos os dias levá-las em casa depois da escola e ficava uns quinze minutos conversando com Letícia na porta de casa.

Até que começaram os primeiros beijos... E o namoro escondido.

A paixão das primeiras semanas os contagiou, ele trabalhava pensando nela e ela prefere ir ao outro bairro comprar no mercadinho onde ele trabalha, só para vê-lo.

— Menina, o que que tu tem? Toda vez que eu te pedia *pra* ir na taberna, tu só ia de cara amarrada, e agora toma até banho e vai quase correndo. — Observou a avó.

Um sábado à tarde, Letícia gazetou o catecismo, apenas deixou a irmã na frente da igreja e foi encontrar Jorge em um terreno que estava cheio de pneus velhos amontoados formando um paredão, as crianças que sempre brincavam ali fizeram um balanço de pneu em um jambeiro, eles brincaram um pouco no balanço e depois, instintivamente, transaram na montanha de pneus, ambos nervosos porque era a primeira vez de cada um... Caiu uma chuva e eles chegaram ensopados em suas casas, mas renovados por dentro.

E depois da primeira, sempre se arranja um jeito para a segunda, terceira, quarta, quinta...

Quase um mês depois...

— Isso é hora de chegar? Tu deixou tua irmã sozinha a tarde inteira. — Briga Wal.

— Ah, desculpa, vó, eu estava estudando na casa de uma amiga.

— Que amiga é essa?

— É uma que mora lá na avenida, mas eu dei o almoço da Sofia.

— Sofia, vai lá *pro* teu quarto. Quero ter uma conversa com a tua irmã.

— Olha, se eu sonhar que tu anda atrás de macho por aí, eu vou pegar o cabo da vassoura e quebrar na tua costa. Me diz, uma coisa, tu já menstruou alguma, vez?

— O que que é isso? — Letícia se faz de desentendida.

— Eu vou te falar uma coisa que eu me arrependo muito de não ter falado *pra* tua mãe. Menstruação é um sangramento que acontece quando as meninas viram adultas, isso significa que elas já podem engravidar.

— Não, eu nunca sangrei.

— E outra coisa, rola, esse negócio que os meninos têm nentre as pernas, faz filho. Não fica andando com esses meninos por aí não. Depois que aperece grávida, todos eles somem, aí tu vai ficar mal falada igual tua mãe.

Três dias depois, dia de São Cosme e São Damião, as crianças estão todas afoitas com seus sacos e mochilas para pegarem bombons que são distribuídos nas ruas...

Boquinha avista Sofia no meio de uma multidão de crianças que se concentra na frente de uma casa que é famosa por ser a casa que mais dá bombons para essa comemoração, ele se aproxima da menina e explana sua hipocrisia.

— Mas não era tu que nem passava aqui nessa rua porque tinha medo dos macumbeiros? Tu sabe que aí atrás é um terreiro, né?

— Ah, mas é bombom, tem nada demais, depois eu oro em cima e *tá* tudo certo. Ei, mas não é tua mãe que é crente e não deixa tu pegar bombom porque é do diabo?

— Ixi, ela *tá* trabalhando e eu vim escondido.

Letícia está em outra casa segurando lugar na fila com outras colegas e alguns rapazes, incluindo Jorge, na rodinha dos “quase” adultos, agora só se fala em sexo e virgindade, como se todos ali tivessem anos de experiência, sempre aquela disputa sobre quem já beijou mais, quem já transou mais, mas eles ainda pegam bombons come se fossem crianças...

A dona da casa onde Sofia e Boquinha esperam, organiza uma fila, entram na casa dez crianças por vez. O medo do desconhecido faz Sofia e Boquinha se benzerem antes de entrar; dentro da casa realmente é um terreiro, os colegas reparam na música, nas imagens com muito espanto, mas tudo pelos bombons... Eles ainda ganham picolé, pipocam, refrigerante, bolo e cachorro-quente. Do lado de fora, Boquinha comenta sobre o cheiro do incenso:

— Tu viu o cheiro da macumba?

Eles ainda foram em mais outras dez casas pela redondeza, e ainda encontraram outros colegas da mesma turma. No fim da tarde, um homem joga de pirueta bombons para as crianças, independente de suas hipocrisias e de suas religiões, todos ali se divertiram se jogando no chão para pegar bombom, as formiguinhas muito maliciosas mas ao mesmo tempo tão inocentes. A mãe de Pedro, o Boquinha, surtou quando descobriu os doces escondidos em baixo da cama do garoto, jogou todos no lixo, deu uma surra de cinturão nele, o fez tomar banho três vezes e escovar a língua mais de cinco vezes.

Na casa católica, Letícia passa mal...

— Tá vendo, foi se tacar em porcaria, agora tá aí morrendo. — Diz Wal.

A menina vomita muito.

— Ai, vó, será que é o cachorro-quente que tava imacumbado? Pior que eu comi uns três. — Diz Sofia.

— Que, menina? Para de ser abestada. Mas, se tu comeu, tu vai passar mal também.

Sofia não passou mal.

No dia seguinte, depois de muito vomitar, Letícia melhora. Wal, muito desconfiada, faz uma vistoria no quarto das netas, e encontra a fralda que Letícia usa como absorvente e que, por descuido, ela deixou suja.

— Letícia! — esbraveja a senhora — O que que é isso?

— É que... é que...

— Fala!

— Então, é que eu menstruei, só que eu fiquei com vergonha de dizer.

— Desde quando?

— Desde julho.

— E esse mês? Já desceu?

— Bem, até agora não.

A velha se enfurece e começa a bater com a fralda na cara da neta...

— Sua vagabunda, eu sei que tu tá grávida, sua safada.

— Não, vó, eu não tô grávida. — Chorando.

— É claro que tá, sobancelha rala, com a cintura quadrada, fala a verdade antes que eu te mate. Com quem tu andou se esfregando?

— Ai, é que eu conheci um rapaz na escola da Sofia...

— Como assim na escola da Sofia?

— É, ele é da sala dela, mas ele já tem quinze anos. A gente se conheceu quando eu ia pegar a Sofia, e começamos se gostar... e aconteceu.

— Sua ordinária! — Dando-lhe um tapa.

Wal tranca Letícia no quarto.

— Sofia, quem é esse menino da tua sala que a Letícia tá namorando?

— Não sei. — Assustada.

— Tu não mente *pra* mim, se não, eu vou te dar uma surra.

— Tá bom, ele trabalha num mercadinho ali no final da Sovaco da Cobra o nome dele é Jorge.

Wal vai até o mercadinho.

— Você que é o Jorge?

— É.

— Eu sou a vó da Letícia e ela *tá* grávida. Grávida de você.

Jorge fica mudo.

— Não vai falar nada, moleque? Ah, na hora do bem bom se acha todo machão. Agora *tá* aí fugindo da responsabilidade, mas claro, pelo que ela me disse você nem deve estudar. Mas não se preocupa não, não vou querer mais um peso na minha vida e dar conta dos erros de outra irresponsável. Você vai me arranjar vinte reais para amanhã.

Jorge conseguiu o dinheiro, roubando uma parte no mercadinho e outra parte roubando da carteira do padrasto. Deu o dinheiro para Wal, que em seguida foi falar com uma vizinha.

— Denize, tu sabes quem vende cytotec?

— A Silvana, o marido dela trabalha em farmácia, e dizem que ele rouba lá, e ela aplica dentro da casa deles.

— Ah, beleza, sabe se ela está por aí?

Um tempinho depois...

— Olha, tem que dar para ela em jejum. — Explica Silvana.

— *Tá* bom.

No segundo dia do cárcere de Letícia, Wal entra no quarto e dá para ela tomar duas pílulas de uma vez para garantir que ia dar *certo*.

— Bora, toma isso daqui... Agora tu só espera descer para me avisar.

A velha sai do quarto. Em 20 minutos Letícia começa a agonizar; devido a fraqueza pela fome ela não consegue gritar para expressar a dor que sente... Sofia entra no quarto para ver a irmã, e se desespera ao vê-la se contorcendo de dor na cama, corre para acodí-la, ela pega em sua mão e Letícia aperta muito forte. Sofia grita:

— VOOOOÓ!

Já é tarde, Letícia faleceu olhando para a irmã, que não entendeu nada, apenas enxugou as lágrimas da irmã que ainda estava de olhos abertos. Nem os coveiros, que são acostumados com tais cenas, seguraram as lágrimas quando Sofia cantou:

— *Como poderei viver? Como poderei viver, sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?*

Sofia cresce e antes dos seus 20 anos tem seu terceiro filho, ela deixa todos na asa de sua avó, e esta não se importa nenhum pouco de criar os bisnetos.